



# RELAÇÕES LÍQUIDAS DO CAPITALISMO PÓS-MODERNO NA DRAMATURGIA *CARNE VIVA*

## LIQUID RELATIONS OF POST-MODERN CAPITALISM IN THE DRAMATURGY *CARNE VIVA*

Renato Forin Junior\*

Sara da Silva Khalil\*\*

11

**Resumo:** A comunicação analisa a peça "Carne viva", reescrita de Renato Forin Jr. (2022) para a dramaturgia "Fé amor esperança" (1932), do austro-húngaro Ödön von Horváth. A peça evidencia a persistência e a radicalização dos processos de reificação da vida desde o período entre guerras. No atual capitalismo financeiro, as contradições de base histórica permanecem sob um invólucro de cinismo e crueldade, tal qual nos regimes totalitários de outrora. A dramaturgia utiliza metáforas, como a das águas gélidas no suicídio de sua protagonista, a passagem rápida das estações ou a fragmentação formal para materializar a liquidez e efemeridade. O trabalho busca identificar temas como a precarização do trabalho, a dialética da venda do corpo para a manutenção da vida, as bondades de aparências, as diferenças sociais, a truculência política, o consumismo e a necessidade da miséria para a manutenção do poder.

**Palavras-chave:** Pós-Modernidade; Capitalismo; Carne viva; Modernidade líquida.

**Abstract:** This communication analyzes the play "Carne viva", a rewriting by Renato Forin Jr. (2022) for the drama "Faith love hope" (1932) by the Austro-Hungarian Ödön von Horváth. This play highlight persistence and radicalization of the processes of objectification of life since the interwar period. In today's financial capitalism, contradictions of historical foundation remain under a veneer of cynicism and cruelty, much like in past totalitarian regimes. The dramaturgy employs metaphors such as icy waters in suicide of its protagonist, quick passage of seasons, or formal fragmentation to materialize liquidity and ephemerality. The work aims to identify themes such as precarization of labor, dialectics of selling one's body for maintenance of life, facades of goodness, social differences, political brutality, consumerism, and necessity of misery for maintenance of power.

**Keywords:** Post-modernity; Capitalism; Carne viva; Liquid modernity.

\* Professor do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

E-mail: [reforin@uel.br](mailto:reforin@uel.br)

\*\* Discente da graduação em Letras-Português da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

E-mail: [sara.silva.khalil@uel.br](mailto:sara.silva.khalil@uel.br)

**N**a década de 1970, o filósofo francês Jean-François Lyotard (2021) definiu a “condição pós-moderna”, terminologia que daria título ao seu livro mais influente, como a descrença nas metanarrativas, ou seja, nas teorias totalizantes que explicariam o homem e encontrariam soluções para seus dilemas sociais. Exemplos de metanarrativas são o capitalismo, o cristianismo e a amperagem racionalista difundida pelo Iluminismo. O sentimento que daí advém é o “fim das utopias” e de esgotamento em diversos níveis.

Seu pensamento encontra eco e motes específicos em uma miríade de intelectuais do Ocidente a partir de então, principalmente da Europa e dos Estados Unidos. O polonês Zygmunt Bauman (2000) é um deles. O filósofo incorpora a referida falta de concretude para explicar a efemeridade das relações e atribuiu ao indivíduo a responsabilidade por esse contexto em que tudo parece escorrer como água, enfraquecendo as lutas de classe e enfatizando o individualismo.

Este trabalho toma a metáfora líquida deste capitalismo pós-moderno para identificar seus sintomas sociais na dramaturgia “Carne viva”, obra do escritor paranaense Renato Forin Jr. publicada em 2022. A fábula desta peça revela a macroestrutura exploradora do capitalismo contemporâneo e lança reflexões sobre os regimes nazifascistas da primeira metade do século XX a partir de suas novas roupagens, que se apresentam até a atualidade sob uma estrutura que usa a miséria, a desinformação, a hostilidade social e a fragilidade psíquica das massas. A referida fluidez homogeneiza as relações e transforma tudo em mercadoria, prevalecendo no século XXI como o motor da correnteza pós-moderna.



Sobre o objeto de análise deste trabalho, "Carne viva" é uma reescritura de Renato Forin Jr. para a dramaturgia "Fé amor esperança" (1932), do austro-húngaro Ödön von Horváth, nunca traduzido no Brasil. A obra de Horváth transcorre no período entreguerras, marcado pela crise econômica, desemprego, hiperinflação e empobrecimento. A peça de Forin Jr (2022), por sua vez, é atemporal, mas se passa nos momentos de crise que antecedem regimes fascistas ou "Nos vários cômodos do abatedouro do mundo / Na crise social que antecede os regimes de abate" (FORIN JR., 2022, p. 27), como diz a rubrica inicial. Ela critica as promessas vazias de fé, esperança e amor, destacando o cinismo e a falta de valores. A peça original foi proibida em Berlim e só pode estrear quatro anos após ser escrita, em 1936, devido à perseguição do Nazismo.

A trama gira em torno de Elisabeth, desempregada e faminta, que se encontra em uma situação de desamparo e desespero. Ela toma uma decisão drástica: vai até o Instituto de Anatomia da cidade e oferece à venda o seu próprio corpo para estudos após a sua morte, como forma de sobreviver. Além das necessidades básicas, Elisabeth sonha em se tornar uma vendedora ambulante de roupas íntimas e produtos de sex-shop. Para isso, precisa pagar um registro ao governo, afora uma multa por já ter trabalhado sem alvará. Assim, ela inicia uma jornada em busca de dinheiro (FORIN JR., 2022, p.39).

Atualizando características do teatro épico, a fábula costura uma série de jogos dialéticos, como a necessidade de dinheiro para ganhar dinheiro e a venda do seu próprio corpo para continuar vivendo, em uma estrutura fragmentária. Elisabeth recebe ajuda do Embalsamador do Instituto, mas ainda precisa pagar a multa e não usa o dinheiro conforme prometido. Esse suposto "desvio de caráter" é o motivo para uma sucessão de humilhações por atores sociais, como o próprio Embalsamador, um Juiz, sua patroa, dentre outros. Ela também se envolve com um policial, que se torna seu noivo, mas revela ser repressor e misógino, apenas mantendo uma fachada de bondade.

Ao final, Elisabeth, ainda faminta e incapaz de suportar as situações de opressão, tenta suicídio ao se jogar em um canal. Ela é resgatada com vida, mas acaba morrendo em uma delegacia, na sequência, devido a uma fraqueza que é metafórica de várias faltas – de comida, de trabalho, de afeto genuíno, de capacidade de vencer a engrenagem social.

A obra-fonte de Horváth permanece atual, abordando temas que ainda vemos se repetir em todo o mundo, especialmente em regimes autoritários que se aproveitam de momentos de desinformação e sofrimento da população. Ambiente propício para expansão



de regimes de extrema direita pautados no conservadorismo, na força militar e na exclusão de minorias. No prefácio da reescritura de Forin Jr., o autor destaca paralelos possíveis com o contexto brasileiro, em razão da história colonial e dos jogos de opressão que ainda persistem em um país com abismos sociais.

Além disso, a peça chama a atenção para a terrível realidade da fome e insegurança alimentar, que voltou a assombrar os brasileiros principalmente durante a pandemia da Covid-19 (2020-2022). Esse é o contexto ideal para a expansão de regimes de extrema direita pautados no conservadorismo, na força militar e na exclusão de maiorias minorizadas. Nas sugestões de rubrica, "Carne viva" utiliza a metáfora de ossos espalhados pelo cenário para evocar o Instituto de Anatomia, as "valas comuns" dos regimes necropolíticos e os cemitérios, mas também como um símbolo dos "ossinhos" distribuídos por frigoríficos, que se tornaram a única fonte de proteína para muitas famílias diante da fome no contexto de crise sanitária (FORIN JR, 2022, p. 17).

No plano do conteúdo, a dramaturgia alinha temas que se enquadram na Pós-Modernidade de matriz euro-norte-americana, teorizada pelos autores supracitados, em confluência com uma agenda de dilemas da formação histórica brasileira e latina. Um deles refere-se às diferenças sociais. A empresária Irene, chefe dos *freelas* de vendedora de Elisabeth (sem vínculo formal, portanto), evidencia ganância, cinismo e falta de sensibilidade com as condições sociais que impedem as vendas em maior monta da protagonista, como a impossibilidade de pagar transporte para ir até os clientes. Na comparação entre vendedoras, Irene mostra a face cruel das relações superficiais e líquidas entre patrão e empregado.

Há ainda o tema da truculência política e do racismo centrados na figura de um vereador corrupto, que oferece propina ao Embalsamador-Chefe para que este oculte o corpo de um jovem negro que ele assassinou, pedido ao qual é atendido prontamente, revelando a ausência de valor da vida humana e, mais uma vez, a reificação. O abuso de poder aparece também no judiciário, por meio da figura de um Juiz, que profere sentenças desatentas, sem pensar nas consequências para os réus com os quais cruzam – como foi o caso de Elisabeth. Sua esposa chega ainda a atribuir seu mau-humor e indisposição no trabalho à fome que sente por ficar até tarde despachando – algo que, inevitavelmente, compara-se à atroz fome dos desvalidos. Por fim, fazendo eco às relações fluidas de Baumann, a peça toca nos pequenos poderes e nos oprimidos que se colocam em papéis de opressores a depender de seus interlocutores.



O verbete “água”, no “Dicionário de símbolos” de Chevalier e Gheerbrant (1999, p.15), representa, ao mesmo tempo, fonte de vida e de morte. Em “Carne viva”, Elisabeth mergulha nas águas frias de um canal para anestesiá-la sua fome. Neste contexto, a água pode ser vista como um símbolo de alívio temporário, de libertação dos sofrimentos da vida – o objetivo, porém, é a morte definitiva, o suicídio. A água gelada proporciona uma sensação de saciedade temporária, devido às suas propriedades medicinais, refrescantes e entorpecentes. A ambivalência deste signo na obra teatral encontra reverberação desta dualidade de proteção: o útero e o túmulo. Na perspectiva da psicologia analítica de Carl Gustav Jung (2009), a água é frequentemente vista como um símbolo do elemento feminino, especialmente em relação à maternidade. O elemento representa a fonte da vida, nutrição, proteção e cuidado.

Em “Modernidade líquida”, Zygmunt Bauman (2000) aborda a ideia de indivíduos frágeis vivendo em uma “realidade porosa” e a importância da velocidade em suas vidas para garantir segurança e sobrevivência. Ele destaca como a rapidez impede o pensamento de longo prazo, levando as pessoas a não terem tempo para pausar, refletir e compreender verdadeiramente a diferença entre destino e fatalidade em suas vidas.

No contexto de “Carne viva”, a passagem rápida das estações é um dado formal relevante, ligado ao teatro de vertente épica e dialética, como aquele do alemão Bertolt Brecht, cuja fragmentação de cenas resulta em um despertar da ilusão naturalista. Porém, dada a especificidade de nossa análise no plano do conteúdo, podemos entender esta célere transição de quadros e/ou estações como uma metáfora da mudança rápida e imprevisível na vida da personagem principal e, por extensão, da sociedade em que está inserida. Assim como os indivíduos frágeis de Bauman, Elisabeth enfrenta uma realidade porosa, onde a sobrevivência é incerta e desafiadora. Não há pausas para questionar o sistema.

A transição das estações também pode simbolizar as diferentes fases de sofrimento que a protagonista experimenta ao longo da fábula. Assim, a conexão entre o texto de Bauman e a obra “Carne viva” reside na maneira como ambos abordam a fragilidade dos indivíduos diante de uma realidade volátil e a necessidade de sobreviver, adaptar-se rapidamente às mudanças em toda a ciclicidade e repetição da condição humana. Dentre as relações descartáveis, instrumentais e interesseiras que passam pelo caminho de Elisabeth em sua via-crúcis: o Embalsamador, a empresária Irene, o noivo Afonso, o rapaz Joaquim (que



a salva do suicídio com interesse na visibilidade pública e midiática que isso poderia gerar, além dos presentes que poderia faturar como “herói”).

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

FORIN JR., Renato. *Carne viva: a partir da obra de Ödön Von Horváth*. 1 edição. Londrina: Edição do autor. 2022.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e alquimia*. Petrópolis: Vozes, 2009.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

Recebido: 18/04/2023

Aprovado: 22/09/2023

